

nas sonhei com ele. Sonhos sem importância que até já se apagaram da minha memória.

Em 1975, já morávamos em uma rua mais acima, paralela à que moramos antes. Foi nesse ano que ganhamos nossa filha Késsia.

Certa noite, quando Késsia ainda era bem pequena, sonhei que Peri, o enorme cão do vizinho, forçava a porta do nosso quarto de dormir. Meu marido queria passar para a cozinha, mas não conseguia, pois Peri estava na sala, perto da porta do quarto. Finalmente, depois de muito relutar, Marcinho conseguiu passar para a cozinha e abrir a porta para que o cão saísse. Foram momentos de grande medo, pois Peri não estava querendo sair de dentro de nossa casa e qualquer ameaça seria perigosa.

Um grande empurrão na porta do quarto fez-me acordar tremendo. Chamei Marcinho para que ele olhasse o que estava empurrando a porta do quarto. Ele, porém, disse qualquer coisa sem sentido e virou-se para o canto, dormindo.

Minutos mais tarde, Marcinho levantou-se para trabalhar. Ao abrir a porta do quarto, deu um pulo para trás, fechando-a novamente.

— Venha ver o que está aqui! — disse-me.

— Credo! Eu não! — respondi.

Marcinho tornou a abrir a porta e gritou:

— Sai, Peri!

A este nome, levantei-me depressa. Não! Não podia ser! Outro sonho significativo!

Marcinho pegou o banquinho e foi passando, protegendo-se com ele. Abriu a porta da cozinha e, com cuidado, colocou Peri para o quintal.

Ficamos sabendo, depois, que o cão tinha medo de foguetes. Houvera um foguetório à véspera, perto de casa e, como a porta da cozinha estivesse aberta, o animal, depois de furar a cerca de taquara do quintal, entrara pela nossa casa adentro, escondendo-se em um quartinho, que ninguém usava.

Em 1977, nasceu nossa filha Keila. Nasceu de oito meses de gestação. Era saudável e gordinha.

Se eu parasse para analisar minha vida, sentiria que estava havendo um retrocesso. Na cidade de Oliva, lecionei somente dois meses em uma escola. Os aborrecimentos foram tantos que Marcinho resolveu que eu não trabalharia mais, fora de casa. Havia, porém, um espaço para mim, na Gazeta local. Sempre publicava meus poemas e minhas crônicas. Tinha um bom círculo de amizades, mas, na realidade sempre estava faltando algo que eu não sabia mesmo o quê.

No mês de agosto de 1979, inscrevi-me para o Concurso do IPSEMG.

No momento da prova, pedi à alma de Pe. Jonathan que me ajudasse, que me iluminasse. Eu queria passar e trabalhar. Não agüentava mais o confinamento dentro de casa. Não fui criada para o limitado. Era necessário que algo mudasse em minha vida, não sabia o quê e nem como...

Alguns meses depois, o resultado do concurso saiu no "Minas Gerais". Nosso vizinho mostrou-me o jornal. Consegui o primeiro lugar. Fiquei muito feliz! Felicidade que logo se esvaiu. Eu estava grávida. Como trabalhar com mais um filho pequeno?

Mandei celebrar uma Missa pela alma do Pe. Jonathan. Fui à Missa. Havia eu há muito tempo abandonado as práticas religiosas. Nem mesmo sabia direito o motivo de tal atitude. Sempre achei a filosofia cristã maravilhosa, mas a Igreja Católica não preenchia minha sede de espiritualidade. Li sobre outras seitas. Não gostei. Fiquei então, apenas com minha fé em Deus, com minhas orações da noite que, talvez fossem mais hábito que piedade. Minha noção de infinito e de espiritualidade, todavia, era aguçada... Uma lembrança bizarra, de vez em quando, torturava-me o espírito. Tal lembrança bastava para eu me fechar em mim e passar vários dias em clima de introspecção e em crises de angústia: Era um luar, um milharal com folhas prateadas pelos raios da lua. Um bosque encantador surgia, em seguida. Lindos cavalos de raça e cães de caça. Uma enorme construção mal focalizada, uma nobreza sem explicação e um homem demasiadamente branco e esquisito que me atormentava. Quando surgia a lembrança desse sujeito branco, sem nitidez, estranha presença, eu sentia repugnância, medo, vergonha, atração e submissão... Não sei explicar... Era o ponto da minha crise que mais esforço exigia de mim.

Comecei a aceitar tais recordações como coisas imanentes em mim, coisas do meu eu interior. Desde criança isto ocorria. São coisas que não me aconteceram, realmente, tenho certeza absoluta. Lembro-me muito bem de coisas que me aconteceram, desde tenra idade. Tais coisas fazem parte da minha vida, que qualquer um conhece. Minhas "crises", no entanto, não foram vividas por mim, desde que nasci, na cidade de S.N. Não foram vividas por mim em N.P., nem em J.S. nem em Oliva... É um estado de espírito... inexplicável...

As noites de luar traziam-me mais confusão à alma. Uma sensação de ter sido nobre e de ter vivido em outro lugar. Uma necessidade cruciante de recordar com exatidão e não conseguir.

Marcinho ficara revoltado com minha gravidez.

A agência do IPSEMG seria inaugurada em maio de 1980, justo no mês